

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: O PAPEL DA ENFERMAGEM NA PROMOÇÃO DE UMA ASSISTÊNCIA HUMANIZADA

OBSTETRIC VIOLENCE: THE ROLE OF NURSING IN PROMOTING HUMANIZED CARE

VIOLENCIA OBSTÉTRICA: EL PAPEL DE LA ENFERMERÍA EN LA PROMOCIÓN DE UNA ATENCIÓN HUMANIZADA

Lívia Gonçalves Silva¹
Jamylle Fernandes Batista²
Kenia Virginia Casimiro³
Macerlane de Lira Silva⁴
Ocilma Barros de Quental⁵
Ankilma do Nascimento Andrade Feitosa⁶

RESUMO: **Introdução:** A violência obstétrica permanece presente nos serviços de saúde, configurando violação dos direitos das mulheres por meio de práticas desrespeitosas, abusivas ou negligentes no pré-natal, parto e pós-parto, afetando a saúde física e emocional da mulher e o bem-estar do recém-nascido. O estudo teve como objetivo analisar o papel da enfermagem na assistência humanizada frente à violência obstétrica. **Aspectos Metodológicos:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada nas bases SciELO, LILACS e PubMed, utilizando os descritores “violência obstétrica”, “parto humanizado”, “causas de violência obstétrica” e “assistência de enfermagem”. Foram incluídos artigos gratuitos, publicados entre 2020 e 2025, em português e disponíveis na íntegra. **Resultados:** Identificaram-se 378 estudos, dos quais 18 atenderam aos critérios de elegibilidade, sendo sistematizados em quadro contendo autor, ano, objetivo, método e principais achados. **Conclusão:** Os estudos indicam que a violência obstétrica é frequente e gera impactos emocionais, físicos e sociais duradouros. Persistem fragilidades na humanização do parto e na qualificação profissional, evidenciando a necessidade de educação permanente e conscientização nos serviços de saúde. O papel da enfermagem é central na prevenção da violência obstétrica, por meio de uma prática ética, acolhedora e pautada no respeito aos direitos e à autonomia da mulher.

10005

Palavras-chave: Assistência humanizada. Enfermagem. Humanização do parto. Parto. Violência obstétrica.

¹Discente do curso de Enfermagem do Centro Universitário Santa Maria - UNIFSM.

²Discente do curso de Enfermagem do Centro Universitário Santa Maria- UNIFSM.

³Discente do curso de Enfermagem do Centro Universitário Santa Maria- UNIFSM.

⁴Orientadora: Mestre em Saúde Coletiva (UNISANTOS). Docente do Centro Universitário Santa Maria (UNIFSM).

⁵Doutora em Ciências da Saúde, Docente e coordenadora do curso de Enfermagem do Centro Universitário Santa Maria - UNIFSM.

⁶Coorientador: Dra. Graduada em Enfermagem-FAZER. Licenciada em Enfermagem-UFPB. Especialista em Auditoria em Serviços de Saúde-FACISA. Mestre em enfermagem-UFPB. Doutora em Ciências da Saúde pela Faculdade de Medicina do ABC-FMABC. Docente do Centro Universitário Santa Maria (UNIFSM).

ABSTRACT: **Introduction:** Obstetric violence remains present in health services, constituting a violation of women's rights through disrespectful, abusive, or negligent practices during prenatal care, childbirth, and the postpartum period, affecting the physical and emotional health of women as well as newborn well-being. This study aimed to analyze the role of nursing in providing humanized care in situations of obstetric violence. **Methodological Aspects:** This is an integrative literature review conducted in the SciELO, LILACS, and PubMed databases, using the descriptors "obstetric violence," "humanized childbirth," "causes of obstetric violence," and "nursing care." Articles published in Portuguese, available in full, free of charge, and published between 2020 and 2025 were included. **Results:** A total of 378 studies were identified, of which 18 met the eligibility criteria and were systematized in a chart containing author, year, objective, methodology, and main findings. **Conclusion:** The findings indicate that obstetric violence is frequent and generates long-lasting emotional, physical, and social impacts. Gaps persist in the implementation of humanized childbirth and in professional qualification, highlighting the need for continuing education and greater awareness within health services. Nursing plays a central role in preventing obstetric violence through ethical, empathetic, and woman-centered practice based on respect for women's rights and autonomy.

Keywords: Humanized care. Nursing. Humanized childbirth. Childbirth. Obstetric violence.

RESUMEN: **Introducción:** La violencia obstétrica sigue presente en los servicios de salud y constituye una violación de los derechos de las mujeres mediante prácticas irrespetuosas, abusivas o negligentes durante el prenatal, el parto y el posparto, afectando la salud física y emocional de la mujer y el bienestar del recién nacido. El objetivo de este estudio fue analizar el papel de la enfermería en la asistencia humanizada frente a la violencia obstétrica. **Aspectos metodológicos:** Se trata de una revisión integrativa de la literatura realizada en las bases SciELO, LILACS y PubMed, utilizando los descriptores "violencia obstétrica", "parto humanizado", "causas de la violencia obstétrica" y "asistencia de enfermería". Se incluyeron artículos gratuitos, publicados entre 2020 y 2025, en portugués y disponibles en texto completo. **Resultados:** Se identificaron 378 estudios, de los cuales 18 cumplieron los criterios de elegibilidad y fueron sistematizados en un cuadro que contiene autor, año, objetivo, método y principales hallazgos. **Conclusión:** Los estudios señalan que la violencia obstétrica es frecuente y genera impactos emocionales, físicos y sociales duraderos. Persisten fragilidades en la implementación del parto humanizado y en la cualificación profesional, lo que refuerza la necesidad de educación permanente y mayor sensibilización en los servicios de salud. La enfermería desempeña un papel central en la prevención de la violencia obstétrica mediante una práctica ética, acogedora y basada en el respeto a los derechos y a la autonomía de la mujer.

Palabras clave: Atención humanizada. Enfermería. Parto humanizado. Parto. Violencia obstétrica.'

INTRODUÇÃO

O parto é um processo fisiológico e um momento único e especial na vida da mulher. Tradicionalmente, esse ato era realizado no ambiente domiciliar, por parteiras, mas atualmente, migrou para o meio hospitalar, sendo realizado por uma equipe multiprofissional, composta por médicos, enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem, além de doula – profissionais especializadas, que oferecem suporte físico e emocional à gestante, durante a gestação, o parto e o pós-parto (BRASIL, 2024). Acreditava-se que, com essa mudança, esse momento seria totalmente dedicado à parturiente, mas, em muitos casos, a mulher enfrenta situações traumáticas (MESQUITA EP, et al., 2024).

Essas experiências traumáticas na vida das mulheres em seu período gravídico, caracterizam-se como uma violação dos seus direitos, configuradas como violência obstétrica. O termo violência obstétrica se refere a todo ato violento, de forma física, psicológica, sexual, negligência e discriminação contra a parturiente, no período do pré-natal, pré-parto, parto, puerpério e abortamento (TESSER CD, et al., 2015).

Um estudo realizado pela Fundação Oswaldo Cruz, no Brasil, em 2015 com 603 puérperas, revelou índices bastante altos com relação às intervenções, indicando que 86,5% das puérperas sofreram algum tipo de intervenção durante o parto. Algumas intervenções comuns são, a manobra de Kristeller (37%), a episiotomia (56%) e uso de ocitocina de rotina e amniotomia (40%), que podem ser consideradas como violência obstétrica.

Diante dessas estatísticas, observa-se que as causas da violência obstétrica abrangem múltiplos fatores, destacando-se o despreparo profissional e institucional; a desumanização dos profissionais; o baixo nível socioeconômico e a baixa escolaridade da parturiente; o desconhecimento da gestante sobre seus direitos e sobre o termo violência obstétrica; o autoritarismo profissional e a falta de fiscalização adequada nas instituições. Segundo Souza ACAT, et al. (2020), estudos apontam que mulheres com níveis socioeconômicos mais baixos e de baixa escolaridade tiveram menor acesso ao pré-natal, contribuindo para falta de conhecimento e informação sobre o trabalho de parto.

As principais consequências da violência obstétrica resultam nos efeitos na saúde mental das mulheres, causando ansiedade, depressão e o transtorno do estresse pós-traumático no pós-parto; a falta de procura pelos serviços de saúde no puerpério, para ela ou seu bebê, por perderem a confiança, dificultando a continuidade do cuidado, além da dificuldade de iniciar e continuar

a amamentação, por falta de apoio ou por situações que ocorreram no processo do parto. Destaca-se, também, a mortalidade materna e neonatal, causadas principalmente por negligência ou práticas incorretas durante o parto (LEITE TH, et al., 2024).

Nesse contexto, o papel da enfermagem, na promoção de uma assistência humanizada às gestantes, é de caráter educativo. Nas consultas pré-natais, o enfermeiro deve acompanhar a saúde materno-fetal e orientar a parturiente sobre a importância do acompanhamento até o puerpério, destacando os tipos de parto, os procedimentos plausíveis, os direitos da mulher e a sua liberdade de escolha. Além de fornecer informações sobre a amamentação e dicas para tornar o vínculo entre mãe e bebê, algo especial e menos doloroso. Deve também monitorar casos de violência obstétrica, combatendo as diversas formas que essa violência se manifesta, garantindo uma assistência humanizada para a mãe e o bebê (MESQUITA EP, et al., 2024).

Considerando o conceito de violência obstétrica, suas principais causas e consequências, além do papel da enfermagem na promoção de uma assistência humanizada, o presente trabalho tem como objetivo analisar os fatores que contribuem para a ocorrência da violência obstétrica, bem como discutir suas repercussões na saúde das mulheres e, principalmente, evidenciar as estratégias que os profissionais de enfermagem podem adotar para garantir um atendimento respeitoso, seguro e humanizado às gestantes.

10008

Diante da relevância da atuação da enfermagem e da persistência de práticas desrespeitosas durante o parto, a escolha do tema “Violência obstétrica: o papel da enfermagem na promoção de uma assistência humanizada” surgiu a partir de experiências durante as práticas acadêmicas no centro cirúrgico de um hospital, onde foram observadas situações de desrespeito durante o trabalho de parto, com palavras que geraram constrangimentos. Além disso, relatos de amigas e familiares, que passaram por experiências semelhantes, reforçaram a percepção de que a violência obstétrica ainda é uma realidade presente e muitas vezes naturalizada no cotidiano dos serviços de saúde.

Essa vivência despertou o interesse em investigar mais profundamente esse fenômeno, compreendendo suas causas, consequências e, principalmente, o papel da enfermagem na promoção de uma assistência mais humanizada, baseada no respeito, empatia e autonomia da mulher. Estudar este tema é pertinente não apenas do ponto de vista pessoal, mas também acadêmico e social, pois contribui para a formação de profissionais mais conscientes, críticos e comprometidos com uma assistência segura, ética e humanizada, além de ampliar o debate sobre os direitos das mulheres no contexto da saúde reprodutiva.

MÉTODOS

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, do tipo revisão integrativa da literatura, com abordagem descritiva e exploratória. O estudo teve como objetivo reunir, analisar e discutir produções científicas que abordem a violência obstétrica, suas causas e consequências, bem como o papel da enfermagem na promoção de uma assistência humanizada ao parto, buscando responder à seguinte pergunta norteadora: Qual é o papel da enfermagem na promoção de uma assistência humanizada, em casos de violência obstétrica?

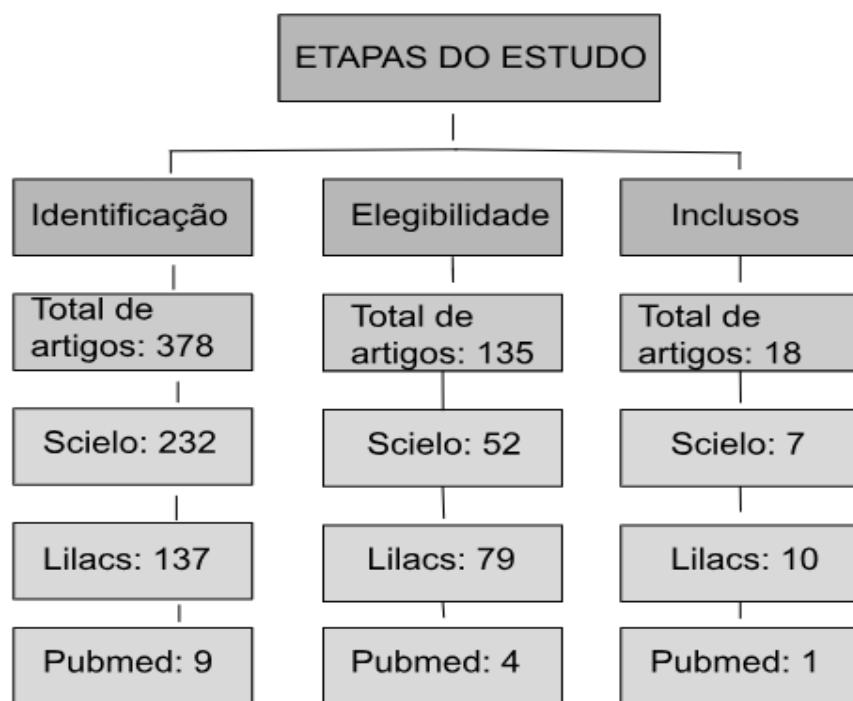
A escolha por este tipo de estudo se justifica pela possibilidade de reunir, descrever e interpretar o conhecimento científico já produzido sobre o tema, favorecendo reflexões e apontando lacunas que possam orientar futuras pesquisas e práticas profissionais. A coleta de dados foi realizada, por meio de buscas sistematizadas em bases de dados eletrônicas, como a SciELO (Scientific Electronic Library Online), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e PubMed (US National Library of Medicine). Foram utilizados os seguintes descritores: “violência obstétrica”, “causas da violência obstétrica”, “consequências da violência obstétrica”, “parto humanizado” e “assistência de enfermagem”.

Foram incluídos artigos publicados entre os anos de 2020 a 2025, em língua portuguesa, que apresentaram relação direta com o tema violência obstétrica, além de apresentarem suas principais causas e consequências, destacando o papel da enfermagem na promoção de uma assistência humanizada. Foram excluídas produções duplicadas, que não estiveram disponíveis na íntegra, ou que não apresentaram pertinência ao objeto de estudo.

Os estudos selecionados foram lidos na íntegra e analisados por meio da análise temática, a fim de identificar categorias relevantes, abordagens recorrentes e lacunas nas produções científicas acerca da violência obstétrica, suas causas e consequências, além da atuação da enfermagem.

A seleção dos artigos ocorreu por meio da leitura dos títulos, análise dos resumos e, por último, a leitura completa dos textos, com registro das informações em instrumento padronizado, contendo autor, ano, objetivos, tipo de estudo e conclusões, que subsidiaram a análise e discussão dos achados e a construção da figura 1, contendo o fluxograma com a quantidade de artigos incluídos no estudo.

Figura 1 - Fluxograma de busca e seleção dos artigos.



Fonte: Autores, 2025.

10010

RESULTADOS

A partir da busca sistematizada nas bases de dados SciELO, LILACS e PubMed, foram inicialmente identificados 378 artigos, sendo 232 provenientes da SciELO, 127 da LILACS e 9 da PubMed. Após a análise dos títulos e resumos e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 135 estudos foram pré-selecionados para leitura completa e analítica, dos quais 117 foram excluídos por duplicidade, indisponibilidade do texto na íntegra ou ausência de relação direta com o tema. Assim, a amostra final foi composta por 18 artigos publicados entre os anos de 2020 e 2025.

Para facilitar a compreensão das principais informações extraídas, elaborou-se uma tabela contendo autor e ano de publicação, título, objetivo, metodologia e conclusões principais (Tabela 1). Permitindo uma visualização organizada das evidências científicas referentes às causas, consequências da violência obstétrica e ao papel da enfermagem na promoção de uma assistência humanizada ao parto.

Tabela 1 - Síntese dos estudos incluídos na revisão integrativa.

AUTOR/ANO	TÍTULO	OBJETIVO	MÉTODO	CONCLUSÃO
Silva, T. M. et al. 2020.	Violência obstétrica: a abordagem da temática na formação de enfermeiros obstétricos.	Construir o Discurso do Sujeito Coletivo de enfermeiros pós-graduandos em Enfermagem Obstétrica sobre a violência obstétrica.	Estudo descritivo de abordagem qualitativa.	Observou-se que a formação dos enfermeiros é importante para permitir contribuição ao cuidado integral da mulher e que isso pode reduzir a violência obstétrica.
Ribeiro D.O. et al. 2020.	Obstetric violence in the perception of multiparous women	Conhecer a percepção das mulheres multíparas acerca de suas experiências com a violência obstétrica.	Estudo qualitativo descritivo.	A violência obstétrica é frequente nas instituições de saúde, vivenciada por muitas mulheres, gera traumas duradouros e reforça a necessidade de um cuidado respeitoso que evite a naturalização de práticas violentas.
Matos M.G. et al. 2021.	Violência Obstétrica e Trauma no Parto: O Relato das Mães.	Investigar a experiência de violência obstétrica nos relatos de mães.	Estudo de caso coletivo.	Intervenções médicas realizadas sem consentimento e apoio geram trauma psicológico duradouro para as mães.
Pantoja L.R.B. et al. 2023.	Construção de uma tecnologia educativa sobre violência obstétrica para as gestantes.	Construir uma cartilha educativa voltada às gestantes sobre seus direitos no trabalho de parto	Pesquisa metodológica qualitativa.	A cartilha desenvolvida de modo participativo contribui para o empoderamento das mulheres e disseminação de

10011

		e situações de violência obstétrica.		informação científica sobre violência obstétrica.
Branco M.A. et al. 2024.	Práticas associadas à violência obstétrica no parto vaginal: estudo de base populacional em município do Sul do Brasil.	Investigar a prevalência de práticas associadas à violência obstétrica e sua distribuição entre parturientes residentes em Rio Grande (RS), Brasil.	Estudo transversal de base populacional.	Várias práticas associadas à violência obstétrica são prevalentes no parto vaginal e requerem atenção para a proteção dos direitos das mulheres.
Leitão K.R.S. et al. 2025.	Representações sociais de puérperas sobre violência obstétrica nos cenários do parto e do nascimento.	Analizar as representações sociais que puérperas atribuem à violência obstétrica no contexto do parto e nascimento.	Estudo qualitativo.	As mulheres percebem vulnerabilidade, falta de informação e desrespeito à autonomia como componentes centrais da violência obstétrica.
Nascimento G.S. et al. 2022.	Obstetric Violence: A Conceptual Analysis in the Nursing Context.	Analizar o conceito de “violência obstétrica” no contexto da enfermagem, identificando seus antecedentes, atributos e consequentes.	Análise conceitual.	O estudo oferece suporte teórico-científico para que profissionais de enfermagem reconheçam indicativos de violência obstétrica e promovam cuidados mais precisos e preventivos.
Mesquita E.P et al. 2024.	Parto humanizado: O papel da enfermagem na prevenção	Compreender a relevância do papel dos profissionais de enfermagem na	Revisão da literatura.	A atuação do enfermeiro é crucial para prevenir e conter a violência obstétrica

10012

	violência obstétrica / Humanized birth: The role of nursing in preventing obstetric violence.	prevenção e combate à violência obstétrica.		em todos os momentos do atendimento à gestante.
Silva I.C. et al. 2024.	O enfermeiro como facilitador do parto humanizado e protetor do direito das mulheres / The nurse as a facilitator of humanized childbirth and protector of women's rights / La enfermera como facilitadora del parto humanizado y protectora de los derechos de las mujeres.	Desenvolver uma cartilha de orientação para profissionais de saúde visando a promoção do parto humanizado e a proteção dos direitos das mulheres durante o parto.	Estudo metodológico baseado em revisão integrativa da literatura.	Há necessidade clara de conscientização e formação contínua de profissionais de saúde para prevenir a violência obstétrica, justificando a importância da cartilha de boas práticas.
Nascimento D.E.M. et al. 2022.	Vivências sobre violência obstétrica: Boas práticas de enfermagem na assistência ao parto / Experiences in obstetric violence: Good nursing practices in birth assistance.	Compreender o papel dos enfermeiros na prevenção da violência obstétrica durante o parto.	Pesquisa exploratória, descritiva, qualitativa.	O estudo reforça a necessidade de fortalecer o vínculo entre profissionais de saúde e parturientes, destacando a importância da educação em saúde e da educação permanente para garantir boas práticas assistenciais.
Nascimento R.C. et al. 2022.	A assistência do enfermeiro à recorrência da	Analizar a recorrência da	Estudo descritivo,	Há necessidade de leis rigorosas que

10013

	<p>parturiente no contexto hospitalar: um olhar sobre a violência obstétrica / The nursing care to the parturient in the hospital context: a look at obstetric violence / El cuidado de enfermería a la parturienta en el contexto hospitalario: una mirada a la violencia obstétrica.</p>	<p>violência obstétrica, elucidar a heterogeneidade do tema, compreender o tratamento recebido pelas pacientes e discorrer a visão de enfermagem frente à violência obstétrica.</p>	<p>revisão bibliográfica qualitativa.</p>	<p>definam e punam a violência obstétrica, mais pesquisas e debates, orientações sobre os direitos das gestantes/parturientes, fiscalização das instituições e educação continuada.</p>
Sousa M.P.V. et al. 2021.	<p>Violência obstétrica: fatores desencadeantes e medidas preventivas de enfermagem / Obstetric violence: unleashing factors and preventive nursing measures.</p>	<p>Caracterizar os fatores que desencadeiam a violência obstétrica e destacar a importância da enfermagem no desenvolvimento de medidas preventivas.</p>	<p>Revisão sistemática da literatura.</p>	<p>Destaca a importância de minimizar práticas abusivas por meio de estratégias que implementem programas e políticas voltadas ao binômio mãe-filho.</p>
Silva M.I; Aguiar R.S. 2020.	<p>Conhecimento de enfermeiros da atenção primária acerca da violência obstétrica / Knowledge of nurses of primary care about obstetric violence /</p>	<p>Investigar o conhecimento de enfermeiros da atenção primária à saúde acerca da violência obstétrica.</p>	<p>Estudo descritivo-exploratório, qualitativo.</p>	<p>É necessário incorporar a temática de violência obstétrica na graduação em Enfermagem e capacitar profissionais da atenção primária para abordagem adequada.</p>

10014

	Conocimiento de enfermeras de atención primaria sobre violencia obstétrica.			
Castro, A.T.B; Rocha, S.P. 2020.	Violência obstétrica e os cuidados de enfermagem: reflexões a partir da literatura.	Identificar na literatura científica o que aponta sobre a violência obstétrica e os cuidados de enfermagem para prevenção desta ocorrência.	Revisão integrativa da literatura.	É necessário políticas públicas eficazes e o fornecimento de capacitação para os profissionais de enfermagem, tendo em vista uma assistência humanizada.
Teixeira, P.C. et al. 2020.	Percepção das parturientes sobre violência obstétrica: a dor que querem calar.	Identificar o conhecimento das parturientes sobre violência obstétrica, levantar se conseguem identificar as principais ações presentes na violência obstétrica, detectar os impactos físicos e psicológicos da violência obstétrica.	Estudo do tipo descritivo, exploratório com abordagem qualiquantitativa.	As mulheres possuem um conhecimento limitado acerca da violência obstétrica, podendo estar relacionado à falta de informação durante o pré-natal.
Pascoal, K.C.F. et al. 2020.	Violência obstétrica na percepção de puérperas.	Analizar a percepção de puérperas a respeito da violência obstétrica em uma maternidade de um município paraibano.	Estudo de campo, descritivo, com abordagem quantitativa.	A falta de informações no pré-natal fornecidas pela equipe de enfermagem pode favorecer e culminar em situações de violência

10015

				obstétrica.
Oliveira, M.R.R.; Elias, E.A.; Oliveira, S.R. 2020.	Mulher e parto: significados da violência obstétrica e a abordagem de enfermagem.	Compreender o significado da violência obstétrica para mulheres.	Estudo qualitativo, com abordagem fenomenológica heideggeriana.	Evidenciou-se a necessidade de um fortalecimento da consulta de pré-natal proporcionada pelo enfermeiro, abordando temas diversos e reflexivos, e ofertando uma saúde integral de qualidade, curativa e preventiva.
Melo, B. L.P.L. et al. 2022.	Violência obstétrica à luz da teoria da diversidade e universalidade do cuidado cultural.	Analizar relatos de puérperas sobre violência obstétrica à luz da Teoria da Diversidade e Universalidade do Cuidado Cultural.	Estudo transversal, abordagem qualitativa.	A violência obstétrica aconteceu por meio do caráter sexual, físico, psicológico e institucional, tornando o ato de parir algo temoroso, resultante do medo, falhas na comunicação e cuidado fragilizado.

10016

Fonte: Autores, 2025.

DISCUSSÃO

Os estudos analisados evidenciam que a violência obstétrica é um fenômeno recorrente, multifatorial e considerado um problema no sistema de saúde. Além disso, é um termo cada vez mais utilizado para caracterizar experiências de parto consideradas desrespeitosas e abusivas, com impactos diretos sobre a vivência das mulheres no parto e sobre a qualidade da assistência prestada pela enfermagem (MATOS et al., 2021; BRANCO et al., 2024). Embora cada estudo apresenta abordagens diferentes, os achados convergem em diversos pontos centrais.

Os artigos que investigaram a percepção de puérperas, Ribeiro et al. (2020); Teixeira et

al. (2020); Pascoal et al. (2020), afirmam que a violência obstétrica, marcada por desrespeito, procedimentos sem consentimento, dor exacerbada e comunicação ineficaz, é reconhecida pelas mulheres como uma prática naturalizada dentro do contexto hospitalar, pois as parturientes não reconhecem que foram vítimas da vo (violência obstétrica). A sensação de insegurança, vulnerabilidade, sensibilidade, falta de informações e desrespeito à autonomia das mulheres, reforçam o distanciamento entre a assistência desejada e o cuidado prestado (LEITÃO et al., 2025).

A violência obstétrica causa traumas profundos nas parturiente, Matos et al. (2021) e Melo et al. (2022), apontam que as intervenções não consentidas, a comunicação agressiva, as atitudes autoritárias, o não cumprimento da Lei do Acompanhante e o desrespeito às escolhas da gestante geram impactos psicológicos duradouros, como medo, ansiedade e sofrimento pós-parto. Assim como afirma Leite et al. (2024), ao evidenciar que os danos vão além do momento do parto, prejudicando o vínculo mãe-bebê, a amamentação e até a busca por cuidados de saúde futuramente.

As produções científicas, Silva et al. (2020); Nascimento D. E. M. et al. (2022) e Silva et al. (2024) destacam dificuldades na assistência prestada às gestantes, principalmente no parto humanizado e no cumprimento dos direitos das mulheres. Existe lacunas na preparação do enfermeiro para conduzir uma assistência humanizada ao parto e para prevenir a violência obstétrica, o tema é pouco explorado nos currículos acadêmicos, sendo necessário incluir a temática da vo na graduação e reforçar a necessidade de educação permanente para fortalecer práticas humanizadas no cotidiano profissional.

A violência obstétrica também está associada a questões socioculturais, como a desigualdade social, a baixa escolaridade e a vulnerabilidade econômica. Essas condições ampliam a exposição das gestantes à práticas desrespeitosas e ao acesso limitado a informações e serviços de qualidade, como relatado por Sousa et al. (2021), Melo et al. (2022) e Nascimento G.S. et al. (2022). Portanto, a atuação da enfermagem deve considerar o contexto de vida das gestantes, reconhecendo as suas especificidades culturais e individuais, para oferecer um cuidado sensível, seguro e alinhado à necessidade de cada mulher.

O pré-natal é uma etapa decisiva para a prevenção da violência obstétrica, pois é o principal espaço de educação em saúde e construção da autonomia da gestante. Os autores, Teixeira et al. (2020), Pascoal et al. (2020) e Oliveira et al. (2020), apontam que a falta de informações fornecidas nos atendimentos pré-natais contribui para que muitas mulheres não

reconheçam situações de abuso e não se sintam seguras para questionar condutas ou expressar suas preferências durante o parto. Nesse sentido, o enfermeiro assume um papel essencial ao realizar um pré-natal humanizado e acolhedor, estabelecendo vínculos e orientações.

Nesse cenário, o papel da enfermagem vai além da execução de técnicas, assumindo uma função educativa, protetora e transformadora. Mesquita et al. (2024) e Nascimento D. E. M. et al. (2022) reforçam que os enfermeiros são profissionais-chave na promoção de uma assistência humanizada, visto que são profissionais que permanecem ao lado da gestante durante todo o processo de parto, podendo identificar precocemente sinais de violência, orientar a mulher e intervir em defesa de seus direitos.

A elaboração de cartilhas, protocolos e materiais educativos, como demonstrado por Pantoja et al. (2023) e Silva et al. (2024), configura-se como uma estratégia importante para reduzir a violência obstétrica, ao promover o empoderamento das gestantes e a conscientização dos profissionais de saúde. Esse tipo de iniciativa promove um cuidado baseado em evidências, em comunicação clara e humanizada e fortalece a participação ativa da mulher no processo decisório, no momento do parto.

Outro aspecto recorrente nos estudos é a necessidade de fortalecimento das políticas públicas e da fiscalização institucional. Nascimento R.C. et al. (2022) e Castro & Rocha (2020) apontam que a ausência de normativas claras e de mecanismos eficazes de controle contribui para a impunidade e perpetuação das práticas de violência obstétrica. Assim, a enfermagem também assume um papel relevante na defesa de políticas que garantam condições dignas de trabalho, equipes suficientes e qualificadas e ambientes adequados para o parto humanizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos analisados demonstraram que a violência obstétrica permanece recorrente na assistência ao parto, resultante de fatores estruturais, socioculturais e profissionais que reproduzem práticas desrespeitosas e desumanizadas. Embora muitas mulheres vivenciam abuso físico, emocional ou institucional no período gravídico, a naturalização dessas condutas e a falta de informação dificultam o seu reconhecimento, perpetuando o problema dentro das instituições de saúde. Seus impactos ultrapassam o parto, gerando sofrimento materno, dificuldades na amamentação e alterações no vínculo da mãe com o bebê.

A literatura evidencia ainda fragilidades importantes na assistência oferecida às gestantes, principalmente no que se refere à efetivação do parto humanizado, ao respeito aos

direitos da parturiente e à comunicação clara e acolhedora. Fica evidente que a insuficiência de preparo acadêmico e profissional para lidar com a humanização do parto emerge como uma barreira relevante, reforçando a necessidade de investir em formação continuada, atualização científica e inclusão da temática da violência obstétrica na graduação e nos programas educativos dos serviços de saúde.

Nesse cenário, o papel da enfermagem se destaca como central, estratégico, acolhedor e humanizado. A atuação ética, sensível e acolhedora do enfermeiro tem potencial para prevenir situações de violência obstétrica ao estabelecer vínculo, defender a autonomia da mulher, fornecer informações claras e apoiar emocionalmente a parturiente. Quando embasada nos princípios de humanização, comunicação empática e respeito, a prática de enfermagem transforma o cuidado obstétrico, reduz desigualdades e fortalece a segurança e o protagonismo da gestante no processo de parto.

Por fim, torna-se evidente que o enfrentamento da violência obstétrica exige o fortalecimento de políticas públicas, fiscalização institucional, ambientes de trabalho adequados, equipes de saúde qualificadas, além da produção constante de materiais educativos e de estratégias que empoderem as mulheres e sensibilizem os profissionais. Assim, o avanço rumo a uma assistência obstétrica humanizada depende de esforços coletivos, nos quais a enfermagem se posiciona como protagonista na construção de uma cultura de cuidado pautada na dignidade, no respeito e na defesa dos direitos das mulheres.

REFERÊNCIAS

BRANCO MA, et al. Práticas associadas à violência obstétrica no parto vaginal: estudo de base populacional em município do Sul do Brasil. *Cadernos Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, e32020020, 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Nota Técnica nº 13/2024 - COSMU/CGACI/DGCI/SAPS/MS. Brasília, DF, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/notas-tecnicas/2024/nota-tecnica-no-13-2024-cosmu-cgaci-dgci-saps-ms.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2025

CASTRO ATB, ROCHA SP. Violência obstétrica e os cuidados de enfermagem: reflexões a partir da literatura. *Enfermagem em Foco*, Brasília, v. 11, n. 1, p. 176-181, jun. 2020.
FLORES CA, NETTO MV. "É para o seu bem": a "violência perfeita" na assistência obstétrica. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/GmrkrNpcpkspmMPG6JF7T7J/>. Acesso em: 2 mar. 2025.

FIORETTI B, PAULINO D. Nascer no Brasil: o retrato do nascimento na voz das mulheres. *Revista Eletrônica Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, 2015.

LEITÃO KRS, et al. Representações sociais de puérperas sobre violência obstétrica nos cenários do parto e do nascimento. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 30, n. 8, e08662024, 2025.

LEITE TH, et al. Epidemiologia da violência obstétrica: uma revisão narrativa do contexto brasileiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 9, e12222023, set. 2024.

MATOS, Mariana Gouvêa de; MAGALHÃES, Andrea Seixas; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Violência obstétrica e trauma no parto: o relato das mães. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 41, e219616, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003219616>. Acesso em: 4 set. 2025.

MELO BLP, et al. Violência obstétrica à luz da teoria da diversidade e universalidade do cuidado cultural. *Revista Cuidarte*, v. 13, n. 1, e6, 2022.

MENEZES FR, et al. O olhar de residentes em enfermagem obstétrica para o contexto da violência obstétrica nas instituições. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 24, 2020.

MESQUITA EP, et al. Parto humanizado: o papel da enfermagem na prevenção da violência obstétrica. *Revista Nursing* (edição brasileira, impressa), São Paulo, v. 28, n. 315, p. 9411-9415, set. 2024.

NASCIMENTO DEM, et al. Vivências sobre violência obstétrica: boas práticas de enfermagem na assistência ao parto. *Nursing* (Ed. bras., Impr.), v. 25, n. 291, p. 8242-8253, ago. 2022. 10020

NASCIMENTO GS, et al. Obstetric Violence: A Conceptual Analysis in the Nursing Context. *Aquichan*, v. 22, n. 4, e2248, dez. 2022.

NASCIMENTO RC, SOUZA ACF. A assistência do enfermeiro à parturiente no contexto hospitalar: um olhar sobre a violência obstétrica. *Rev. REVISA (Online)*, v. 11, n. 2, p. 149-162, 2022.

OLIVEIRA MRR, et al. Mulher e parto: significados da violência obstétrica e a abordagem de enfermagem. *Revista de Enfermagem UFPE On Line*, v. 14, p. 1-8, 2020.

PANTOJA LRB, et al. Construção de uma tecnologia educativa sobre violência obstétrica para as gestantes. *Revista Baiana de Enfermagem*, Salvador, v. 37, e52958, 2023.

PASCOAL KCF, et al. Violência obstétrica na percepção de puérperas. *Nursing* (Edição brasileira, Impressa), São Paulo, v. 23, n. 265, p. 4221-4226, jun. 2020.

RIBEIRO DO, et al. Obstetric violence in the perception of multiparous women. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 41, e20190419, 2020.

SILVA IC, et al. O enfermeiro como facilitador do parto humanizado e protetor do direito das mulheres. *REVISA (Online)*, v. 13, ed. esp. 2, p. 1092-10109, 2024.



SILVA MI, AGUIAR RS. Conhecimento de enfermeiros da atenção primária acerca da violência obstétrica. *Nursing* (Ed. bras., Impr.), v. 23, n. 271, p. 5013-5024, dez. 2020.

SILVA TM, et al. Violência obstétrica: a abordagem da temática na formação de enfermeiros obstétricos. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 33, eAPE20190146, 2020.

SOUZA ACT, et al. Violência obstétrica: uma revisão integrativa. *Revista Enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, v. 27, e45746, 2020.

SOUSA MPV, et al. Violência obstétrica: fatores desencadeantes e medidas preventivas de enfermagem. *Nursing* (Ed. bras., Impr.), v. 24, n. 279, p. 6015-6024, ago. 2021.

TEIXEIRA PC, et al. Percepção das parturientes sobre violência obstétrica: a dor que querem calar. *Nursing* (Edição brasileira, Impressa), São Paulo, v. 23, n. 261, p. 3607-3615, fev. 2020.

TESSER CD, et al. Violência obstétrica e prevenção quaternária: o que é e o que fazer. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 35, p. 1-12, 2015.